

Novos investimentos ajudam mas ainda não resolvem problemas da assistência médica

Apesar de o governo estar prevendo investimentos de Cr\$ 120 bilhões para assistência médica e hospitalar através do Inamps, no próximo ano, 40 por cento dos brasileiros ainda não têm acesso aos serviços de saúde, que se concentram nas regiões de maior poder aquisitivo e não se mostram eficientes contra as principais doenças da população.

Segundo vários especialistas — entre eles o ex-ministro da Saúde, Paulo de Almeida Machado —, a população brasileira inteira está afetada por algum problema de saúde. Aqueles que não são portadores de nenhuma moléstia endêmica têm, de alguma forma, o que é classificado como "desvio de saúde" — hipertensão, diabetes, sífilis, cardiopatias, disfunções endócrinas.

As doenças verminóticas atingem 20 milhões de brasileiros; a esquistossomose, 12 milhões; a doença de Chagas, dez milhões; as doenças mentais, outros dez milhões; o tracoma, seis milhões; a hanseníase (lepra), um milhão; a tuberculose, 300 mil (40 milhões de infectados); e a malária, 200 mil. O Brasil tem ainda 40 milhões de desnutridos, cinco milhões de excepcionais e 2,5 milhões de acidentados do trabalho.

Um país que está crescendo: nos últimos anos, o Produto Nacional Bruto tem crescido mais do que a população, com o consequente aumento da renda, per capita. Mas é um país que tem problemas cada vez mais graves no setor de saúde pública: apesar de as estatísticas oficiais estarem, na maioria dos casos, incompletas ou desatualizadas, informações da área médica es-

timam que a população brasileira seja uma das mais doentes do mundo. Tão doente que o ex-ministro Paulo de Almeida Machado admitiu, certa vez, num exercício de cálculo, que se fosse possível distribuir equitativamente, entre os brasileiros, a quantidade de casos endêmicos registrados, cada habitante teria pelo menos duas doenças.

Segundo técnicos do Ministério da Saúde, esse infeliz perfil sanitário traz consequências desastrosas: além de prejudicar a força de trabalho teoricamente disponível e diminuir a expectativa de vida média — 53 anos — na maior parte do território nacional, consome recursos economicamente importantes para um país que pretende desenvolver-se e melhorar a qualidade de vida de seu povo.

Estatísticas recentes do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição revelaram que quase 80 por cento dos habitantes das áreas de menor padrão sócio-econômico são anêmicos por carências de ferro, e que mais da metade dos brasileiros está doente. Morre uma em cada três crianças hospitalizadas com desidratação na Grande São Paulo. E a média é ainda mais alta no Nordeste, que registra uma das mais baixas renda per capita brasileira, só perdendo para o Vale do Jequitinhonha, na cidade de Diamantina, segundo revelou o ministro do Trabalho, Murilo Macedo.

Há ainda mais de meio bilhão de dentes a tratar: cada brasileiro tem, em média, cinco dentes cariados ou a extraí-los. Que exigiriam mais de um ano de trabalho dos 41 mil dentistas existentes no país, sem que o problema fosse solucionado: no período teriam surgido mais 1,2 milhão de dentes a tratar. Além disso, a estatística mostra que o brasileiro jovem, até 25 anos, tem um terço de sua dentição prejudicada por cáries ou inutilizado por extração. Entre os principais problemas levanta-



Jequitinhonha, MG, área de incidência da esquistossomose

dos pelos integrantes do IV Congresso Internacional da Odontologia, aberto na semana passada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, estatísticas comprovam que 95 por cento dos brasileiros têm cárie e sofrem de doença de gengiva.

● **Retrato brasileiro:** Mas a lista de insanidade é muito maior. De acordo com as informações oficiais, o país tem aproximadamente 300 mil tuberculosos. E o bacilo de Koch, que causa a doença, já se instalou em 50 milhões de pessoas. Quase 12 por cento das crianças contaminadas na primeira série do primeiro grau de ensino já chegam à escola contaminados, com risco de transmitir às outras o bacilo da tuberculose. Ainda assim, as estatísticas do Ministério da Saúde afirmam que a incidência da doença está diminuindo: nos últimos 5 anos ela teria regredido, de 500 para 300 mil casos.

As doenças transmissíveis — diarréia infecciosa, tuberculose pulmonar, sarampo, tétano, lepra e anciostomose — são responsáveis por 40 por cento do número total de óbitos. Há também as doenças parasitárias: esquistossomose, mal de Chagas, verminoses, filariose, tracoma, bôcio endêmico e febres tifóide e paratífóide. Segundo informações da Clínica de Moléstias Tropicais e Infecciosas do Hospital das Clínicas de São

Paulo, a metade da população brasileira morre com menos de 19 anos. Seus estudos indicam que entre 1950 e 1959, só de diarréia morreram um milhão e 400 mil crianças com menos de um ano de idade, o que corresponde a toda a população infantil de Roma.

● **Mortalidade infantil:** Outro indicador de saúde que se pode utilizar para avaliar a situação brasileira é a taxa de mortalidade infantil, expressa pelo número de óbitos de menores de um ano por cada grupo de cem crianças nascidas vivas. Uma tabela comparativa, elaborada pela Organização Mundial de Saúde, no princípio da década — a única que tem dados de todos os países — apontou o seguinte: enquanto na Suécia era de 12,9 a taxa por crianças nascidas vivas, a do Brasil foi de 105. A Argentina apresentou taxa de 58,3. O Brasil, de um total de 13 países — a maioria europeus —, estava classificado em último lugar.

Desta forma, o estudo da ONU indicou que a mortalidade infantil no Brasil mostrava-se oito vezes maior que a da Suécia e muito superior à dos outros 12 países relacionados. Isto, segundo os médicos, era de se esperar, tendo em vista que as condições ambientais do país são muito desfavoráveis à criança de baixa idade, em grande parte do território nacional.